

No tempo das borboletas: dialética artística e histórica

letrônica

Elize Huegel Pires¹

Para iniciar a discussão acerca da relação entre literatura e história, a partir da obra de Julia Alvarez *No tempo das borboletas*,² faz-se necessária uma síntese dessa narrativa, observando o percurso que trilham as irmãs Mirabal.

O romance é apresentado ao leitor através de três partes, subdivididas em capítulos que trazem a voz narrativa de cada personagem. Além disso, há uma linearidade que marca a cronologia dos fatos em cada capítulo. As irmãs Dedé, Pátria, Minerva e Maria Teresa, são as protagonistas das ações da narrativa que se desenvolvem durante o regime ditatorial de Rafael Leónidas Trujillo, na República Dominicana, no período de 1938 a 1960. A narrativa inicia no ano de 1994 com Dedé, única das irmãs sobrevivente, sendo entrevistada por uma jornalista que deseja conhecer a história das irmãs Mirabal, mortas em 1960, e que ficaram conhecidas como heroínas por desafiarem o ditador Trujillo. O jogo de lembranças de Dedé é narrado em terceira pessoa, voltando o tempo da narrativa para o ano de 1943 ao recordar a vida da família na propriedade rural e a felicidade das irmãs ainda crianças.

A partir dessas lembranças, a narrativa dá voz às outras irmãs, sendo que cada capítulo seguinte será narrado de forma diferente. No capítulo dois, o leitor tem a voz de Minerva contando, em primeira pessoa, suas angústias e seu espírito de liberdade que a leva a desconfiar da Igreja e do governo. Durante os anos de 1938 a 1944, período em que Minerva estudou em um colégio interno, a moça desabrocha com seus questionamentos e começa a perceber que os fatos políticos no seu país estão sendo manipulados por um governante corrupto. No capítulo seguinte, o leitor conhece Maria Teresa, a caçula das irmãs, através de seu livro pessoal, onde o discurso é construído em forma de diário datado entre os anos de 1945 e 1946. A personagem passa da ingenuidade à desconfiança, visto que, inicialmente, apresenta uma fé indiscutível em Deus e no chamado “Benfeitor” Trujillo. No entanto, ela

¹ Graduada em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2006). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Bolsista CAPES. Atua na área de pesquisa dos Estudos Culturais, com ênfase em história, memória e identidade. Mestranda em Letras, ênfase Teoria Literária (PUCRS).

² ALVAREZ, Julia. *No tempo das borboletas*. Tradução de Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

também vai estudar no colégio interno e algumas amigas já se envolvem com a revolução contra o ditador. Assim, Maria Teresa desperta para os acontecimentos políticos que a cercam e que são manipulados pelos defensores de Trujillo. No capítulo seis, o leitor é apresentado a Pátria, esposa e mãe de um catolicismo exemplar, por meio de um discurso em primeira pessoa. Durante o ano de 1946, a personagem percebe sua fé na igreja católica enfraquecendo e, também, descobre a hipocrisia da religião e sua ligação com o governo ditatorial.

Assim, encerra-se a primeira parte da narrativa e tem início a segunda, na qual os capítulos seguem a mesma estrutura e mostram a metamorfose de cada personagem e seu envolvimento direto com a revolução contra o regime político imposto no país. Entretanto, Dedé foi a única irmã que não se envolveu, sendo que decidiu por um casamento que não a fazia feliz por completo e viveu submissa ao marido. Nos capítulos seguintes dessa segunda parte, a narrativa entrelaça as histórias de casamentos, filhos com a adesão à luta contra Trujillo de cada uma das irmãs e revela o fato que desencadeou a ira do governante contra as protagonistas. Em 12 de outubro de 1949, a família é convidada para o “Baile do Descobrimento” e Minerva é assediada por Trujillo. Com seu ímpeto revolucionário, a moça atinge o ditador com um tapa em seu rosto, o que vai custar a ela e às irmãs, futuramente, a própria vida. A família, então, foge do baile antes do seu final, o que, para os órgãos oficiais, foi uma afronta por parte dos Mirabal. A partir desse fato, as três irmãs, Pátria, Minerva e Maria Teresa, bem como todo o restante da família, passam a sofrer forte repressão. A narrativa mostra as transformações por que passam as irmãs, como mulheres e como revolucionárias, além das transformações em alguns setores da igreja católica, o que influencia as ações das personagens que não perderam a fé espiritual.

Dessa forma, tem fim a segunda parte da narrativa e inicia a terceira, na qual a repressão contra as irmãs se torna mais evidente. Minerva, Maria Teresa e seus respectivos esposos, além dos filhos de Pátria, encontram-se presos e o leitor tem acesso aos relatos das irmãs na cadeia. Nesse contexto, decorrido de janeiro a agosto de 1960, é narrado o jogo sujo de Trujillo e revelado seu caráter perverso, pois a família toda sofre com a tirania, até mesmo quem não está na cadeia, como a mãe e as irmãs Pátria e Dedé. A narrativa, na voz das irmãs Mirabal, encerra-se quando são soltas, mas seus maridos continuam presos e são transferidos para uma cidade de difícil acesso. As visitas, que precisam ter autorização das autoridades oficiais, ocorrem sistematicamente, mas, na volta de uma dessas visitas, as irmãs sofrem uma emboscada.

A partir desse fato, ocorrido em 25 de novembro de 1960, a morte de Minerva, Patria e Maria Teresa é narrada por Dedé em um epílogo. As irmãs são assassinadas, por ordem de Trujillo, e é simulado um acidente automobilístico. Essas mortes revoltam a população e as “Borboletas”, codinome usado por elas durante a revolução, transformam-se em heroínas na República Dominicana. A narrativa termina mostrando, através de Dedé, em 1994, os filhos dessas revolucionárias vivendo em um mundo capitalista, preocupados com seus empregos, salários, futuro profissional, longe do sonho socialista idealizado pelas irmãs Mirabal.

Partindo desse percurso de leitura, o presente ensaio pretende esboçar uma análise da relação entre literatura e história, considerando a forma como os acontecimentos históricos dialogam com a ficção, por meio de representações de um passado presentificado no discurso literário. Esse entrelaçamento da história com a literatura, no romance pós-moderno, é defendido por Linda Hutcheon³ no sentido de evidenciar o que as duas formas de escrita têm em comum. A teórica considera que

as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizados em suas formas narrativas e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON 1991, p.141)

Levando em conta a aproximação das duas áreas como gêneros discursivos, o romance *No tempo das borboletas* instiga o leitor a penetrar em acontecimentos históricos que são desvendados sob o ponto de vista das irmãs Mirabal. O regime trujillista na República Dominicana é mostrado através da trajetória de quatro mulheres que sofreram as conseqüências de estarem na contramão do discurso oficial do governo. Essa pode ser considerada uma das principais características da metaficção historiográfica que problematiza os discursos históricos, discutindo-os por meio da ficcionalidade e abalando suas certezas. Hutcheon explica que

a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo ou teleológico. (HUTCHEON 1991, p. 147)

³ HUTCHEON, Linda. Tradução Ricardo Cruz. *Poética do pós-modernismo. História. Teoria. Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Nesse sentido, pode-se considerar que a arte literária propõe, por meio da metaficção historiográfica, a reflexão acerca da verdade que foi sendo consolidada na memória cultural de um povo, através de um discurso histórico, manipulado por dominantes do poder. Hutcheon defende que, no romance pós-moderno, não tem como existir uma só verdade, mas que “só existem verdades no plural; e que raramente existe a falsidade *per se*, apenas as verdades alheias”. (HUTCHEON, 1991, p.146). Assim, o romance aqui analisado subverte os valores históricos, apresentando uma versão periférica da ditadura na República Dominicana, entre os anos de 1938 e 1960, evidenciando um discurso feminino que foi silenciado ou mantido à margem do discurso oficial.

As personagens, que também são as narradoras, passam por transformações, ao longo da narrativa, que desconstroem a imagem da mulher na sociedade da primeira metade do século XX. Construída sob os preceitos de uma cultura patriarcal, a imagem da mulher estava atrelada à do casamento e, inevitavelmente, a do domínio masculino. Nesse contexto social, Patria, Minerva e Maria Teresa são apresentadas como mulheres que transcendem o patriarcado e, simultaneamente, revelam a sensibilidade feminina através de suas angústias e subjetividades. A complexidade dos seus sentimentos é mostrada de forma diferente em cada uma das irmãs. Dedé mantém uma postura convencional para os padrões da cultura patriarcal da época, sendo que se casa com um rapaz pacato, em detrimento do amor por um revolucionário. Patria, inicialmente, é mostrada como uma mulher feita para o casamento, mas, após dezoito anos casada, suas certezas são abaladas e ela passa por um momento de questionamento, conforme mostra o trecho a seguir:

Fiz como Ele disse. Aos dezesseis anos, casei-me com Pedrito González e nós dois nos estabelecemos para o resto da vida. Ou foi o que pareceu durante dezoito anos. Meu filho tornou-se um homem, minha filha cresceu e seu corpo esbelto parece uma mimosa em flor no fim do caminho. Pedrito adquiriu uma certa seriedade, tornou-se homem importante por aqui. E eu, Patria Mercedes? Como toda mulher dona de casa, desapareci naquilo que amava, aparecendo de vez em quando para respirar um pouco de ar (...) Eu havia construído a minha casa sobre uma rocha bem sólida, de verdade. (ALVAREZ 2001, p. 149)

Já Minerva, mostra-se como a mais revolucionária das irmãs, porém também vive momentos de questionamentos, quando percebe que é a única irmã que ainda está na casa dos pais e fica sabendo dos boatos dos vizinhos de que não gostava de homens. Seu amor por homens estava idealizado da seguinte maneira:

Estou a par do boato que começou alguns anos depois de eu estar morando em casa. De que eu não gostava de homens. É verdade que nunca prestei muita atenção nos que moravam por aqui. Mas não porque não gostasse deles. Eu só não sabia se estava vendo o que queria. Para início de conversa, meu nariz estava sempre enfiado em um livro. Amor era algo que eu tinha lido que aconteceria um dia. O homem que eu ia amar seria igual ao poeta da capa do livro, pálido, triste, com uma pena na mão. (ALVAREZ 2001, p. 89)

Enquanto isso, a caçula Maria Teresa ama a todos os homens como se fossem seus eternos namorados. No entanto, seus amores são fugazes e ela deseja viver um intensamente: “Estou sempre desejando que alguém especial entre na minha vida muito em breve. Alguém que incendeie meu coração com as chamas do amor. (*Jóias de Mate Mirabal*)” (ALVAREZ, 2001, p.129)

Essas reflexões acerca da subjetividade feminina podem ser percebidas como propulsoras das atitudes questionadoras de cada personagem, na medida em que se descobrem como mulheres que desejam conduzir suas histórias de forma a refutar uma simples posição de submissão ao domínio masculino. Ao mesmo tempo em que Patria, Minerva e Maria Teresa revelam seus sentimentos femininos, também nasce em cada uma delas um espírito revolucionário. O mesmo processo de metamorfose, que ocorre em relação a esses sentimentos próprios da mulher que se descobre, também ocorre quando a vida de cada uma delas começa a ser permeada pela corrupção e pelos desmandos do regime político ditatorial de Trujillo.

Nesse ponto do romance, história e literatura são apresentadas ao leitor de forma indissociável, visto que o fato histórico se embrenha na narrativa juntamente com a construção subjetiva de cada personagem. Um dos momentos que pode ser citado como exemplo para esse processo acontece quando Minerva é levada para uma cela solitária na prisão e Maria Teresa descreve, em seu diário, suas percepções diante do fato:

Onde é que a louca da minha irmã vai buscar tanta coragem? Quando a estavam levando pelo corredor, uma voz vinda de uma das celas gritou: *Borboleta não pertence só a si mesma. Ela pertence a Quisqueya!* Então todo mundo começou a bater nas grades das celas, gritando: *Viva la Mariposa!* Meus olhos encheram-se de lágrimas. Alguma coisa grande e poderosa abriu as asas dentro de mim. Coragem, eu disse a mim mesma. E desta vez eu a senti. (ALVAREZ 2001, p. 233)

Observando o relato de Maria Teresa, o leitor encontra uma situação pesada, difícil, em um momento político violento e repressivo sendo narrada por uma mulher que sente, pela primeira vez, a presença de um filho em seu ventre. A metáfora da borboleta, utilizada para descrever a subjetividade feminina, permeada pela repressão política, demonstra a

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.295, jul. 2010.

literariedade do texto que é construído com base em um discurso, simultaneamente, poético e histórico.

A relação entre história e literatura é marcada pela presença da figura do ditador Trujillo e pela versão subvertida dos fatos, contada a partir do testemunho de mulheres, ao invés do corriqueiro ponto de vista masculino. As irmãs Mirabal tiveram suas vidas privadas invadidas pelo desejo de liberdade e justiça social, em um país dominado pelo poder centralizador e corrupto de um ditador. Esse hibridismo entre história e ficção é defendido por Hutcheon com a seguinte afirmação:

Quando se associa a referência histórica e acontecimentos e personagens verdadeiros, essa auto-representação desmistificadora envolve uma problematização do conhecimento histórico e das fronteiras entre o fato e a ficção, conduzida dentro dos poderes e dos limites da narrativização. (HUTCHEON, 2001, p. 285)

Através dessa citação, pode-se afirmar que a narrativa de Alvarez apresenta uma forma de subversão ao discurso histórico que impera a respeito das ditaduras nos países da América Latina durante o século XX. Caracterizando-se como metaficção historiográfica, o romance apresenta uma problematização dos conceitos de governo, religião e do papel da mulher na sociedade. Apesar dos fatos narrados se desencadearem na República Dominicana, as características do regime ditatorial de Trujillo podem ser encontradas em quaisquer outros países latino-americanos que também passaram por essa experiência de governo. Dessa forma, esses regimes apresentaram um poder, centralizado em um comando único, que não admitia opiniões contrárias e que sabia punir de modo severo qualquer manifestação. Além disso, suas bases eram sustentadas a partir de uma identificação da figura do ditador como um enviado de Deus para proteger o povo contra supostas ameaças socialistas. O imperialismo dos Estados Unidos e a expansão do capitalismo influenciaram e apoiaram tais regimes, os quais se fortaleciam por meio de uma relação de conveniências entre os países envolvidos. Essa configuração política e econômica foi afirmada por meio de um discurso histórico que prevaleceu durante, praticamente, todo o século XX.

No entanto, a metaficção historiográfica assume o papel de revelar um passado histórico, apresentando uma outra versão dos fatos, dando voz a personagens que foram silenciadas ao longo do tempo, como, no caso do romance analisado, às mulheres. São elas que narrativizam o conhecimento histórico, por meio da desconstrução da imagem do regime

ditatorial imposta a partir de mentiras que foram sendo assimiladas como as únicas verdades daquele país. Ao longo da narrativa, é Minerva quem assume, de modo mais incisivo, o papel de contestadora dos acontecimentos que vinham sendo propagados como verdades pelos apoiadores e interessados na continuidade da situação política no país. No trecho a seguir, o diálogo entre Patria e Minerva ilustra a forma como o romance denuncia, na voz feminina, o discurso histórico manipulado que imperava:

Eu não podia entender por que Minerva andava tão revoltada. El Jefe não era nenhum santo, todo mundo sabia disso, mas entre os *bandidos* que haviam habitado o Palácio Nacional, este pelo menos estava construindo igrejas e escolas, pagando as nossas dívidas. Toda semana o retrato dele estava nos jornais ao lado de Monsenhor Pittini, supervisionando alguma obra de caridade. Mas eu não podia argumentar com a razão dela. Tentei uma tática diferente.

- É um negócio sujo, você tem razão. Por isso é que nós, mulheres, não devemos nos meter.

Minerva ouviu com aquela expressão no rosto de quem estava apenas esperando que eu terminasse.

- Eu não concordo com você, Patria – ela disse, e também, no seu estilo costumeiro que não deixava passar nada, argumentou que as mulheres precisavam sair da Idade Média.

Ela ficou de tal maneira que só ia à igreja quando mamãe fazia uma cena. Dizia que estava mais ligada a Deus lendo Rousseau do que na missa ouvindo Padre Ignácio entoando o Credo. (ALVAREZ 2001, p. 59)

Analisando esse trecho do romance, o leitor consegue observar, através das idéias de Patria, que o povo recebe uma imagem de Trujillo, forjada pelos jornais, com o apoio da igreja católica. Nesse contexto, Minerva trabalha no sentido de desfazer essa imagem de governante ligado à caridade e outras versões do ditador que o discurso midiático se esforça para construir. Entretanto, ao longo da narrativa, camadas menos conservadoras da Igreja passam a apoiar o movimento contra a ditadura, sendo que o governo, paulatinamente, vai perdendo o apoio de setores importantes da sociedade. Conforme mostra a passagem seguinte, na voz de Patria, a família se depara com agentes do SIM (Sistema de Inteligência Militar) à paisana, infiltrados na missa de domingo, em represália aos movimentos contestatórios de alguns membros clericais:

Mais tarde, soubemos que isso estava acontecendo em todo o país. Os bispos tinham se reunido no início da semana e escreveram uma carta pastoral para ser lida em todos os púlpitos naquele domingo. A igreja tinha, finalmente, se juntado ao povo. (ALVAREZ 2001, p. 204)

O movimento contra Trujillo se fortalece a partir da esperança alimentada no exemplo da Revolução Cubana de Fidel Castro. Esse fato histórico aparece romanceado no

diário de Maria Teresa, quando a menina, que ainda não participava da revolução, observa a irmã Minerva agindo na defesa do socialismo. No trecho a seguir, a visão limitada de uma adolescente se confronta com as idéias maduras da personagem que utiliza o revolucionário cubano como argumento para a sua luta:

Minerva voltou a fazer suas antigas travessuras. Embrulha o rádio em uma toalha e deita debaixo da cama ouvindo estações ilegais. Hoje ela ficou horas lá. Foi veiculado um discurso desse tal de Fidel, que está tentando derrubar o ditador de Cuba. Minerva decorou vários trechos. Agora, em vez de me recitar poesia, ela está me declamando: *Condenem-me, não faz mal. A História irá absolver-me*. Tenho esperança de que agora que Minerva encontrou uma pessoa especial ela vá sossegar. Quer dizer, concordo com as suas idéias e tudo mais. Acho que as pessoas devem ser gentis umas com as outras e dividir aquilo que têm. Mas nem em um milhão de anos pegaria em uma arma e obrigaria as pessoas a desistir de serem más. (ALVAREZ 2001, p. 127)

Com o decorrer da narrativa, a morte das irmãs se torna iminente, uma vez que desafiam o governo e se posicionam contra seus desmandos. É na voz de Déde que o testemunho histórico sobre a morte das Mirabal é apresentado ao leitor de forma a conduzir para uma visão problematizadora dos fatos. De acordo com a posição defendida por Hutcheon e tomada como base para este ensaio, “a arte procura problematizar e, com isso, fazer-nos questionar. Mas não oferece respostas. Não pode fazê-lo sem trair sua ideologia antitotalizante.” (HUTCHEON 1991, p. 289). Dessa forma, o desfecho do romance traz para o leitor uma versão dos fatos, narrada sob o ponto de vista de quem participou de todos os momentos, que tenta preservar a memória daquelas que ficaram marcadas na história como forças opositoras de Trujillo. Esse processo pode ser considerado como uma possibilidade de reconstrução do passado, através do discurso literário que utiliza a história como elemento a ser problematizado, a fim de propor a reflexão acerca de verdades que a história projeta na cultura.

Política, autoritarismo e resistência, portanto, podem ser trazidos ao leitor como ponto de fusão ao observar que a metaficção historiográfica apresenta uma nova visão para repensar o passado. Assim, tanto a ficção, quanto a história, vistas como gêneros discursivos semelhantes, propõem a possibilidade de dar voz aos diferentes setores da sociedade. A chamada Nova História traz para o centro da discussão, a partir dos anos 70 e 80 do século XX, pontos de vista silenciados até então. De acordo com Peter Burke⁴,

⁴ BURKE, Peter (Org.) Tradução Magda Lopes. *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

O movimento da história-vista-de-baixo também reflete uma nova determinação para considerar mais seriamente as opiniões das pessoas comuns sobre o seu próprio passado do que costumavam fazer os historiadores profissionais. (BURKE 1992, p. 16)

Partindo dessa premissa, pode-se afirmar que literatura e história se aproximam por meio da narração dos fatos sob a ótica de diferentes personagens, sendo que não se pode falar em uma única verdade, mas verdades do passado que são influenciadas pelas escolhas do narrador. Assim, o romance *No tempo das borboletas* revela um passado de política, autoritarismo e resistência, através da narrativização dos acontecimentos históricos. Entretanto, apresenta esses elementos do passado numa perspectiva feminina, permeados por aspectos estéticos que permitem a reflexão da dialética entre passado e presente e que promovem a subversão das verdades por meio da sua visão plural da história e da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Julia; tradução Lea Viveiros de Castro. *No tempo das borboletas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

BURKE, Peter (Org.); tradução Magda Lopes. *A escrita da história – novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

HUTCHEON, Linda; tradução Ricardo Cruz. *Poética do pós-modernismo. História. Teoria. Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Recebido em: 11/06/2010

Aceito em: 18/09/2010

E-mail do autor: lizeh@ibest.com.br